

EDITORIAL

EDITORIAL

O simpósio sobre “Ética e Ensino Médico”, publicado neste número da revista *Bioética*, traz à consideração de seus leitores matéria da maior importância para a vida social e do maior interesse para os médicos. O tema é vasto. Pretendendo-se trabalhá-lo bem e amplamente, seriam necessários muitos simpósios como este. E não o esgotaria, por certo. Cada um deles, unicamente suscitaria novas reflexões e novas contradições a partir de novos pontos de vista e novos interesses. Numa espiral sem fim.

Subjacentemente às contribuições vindas à luz neste simpósio, podem ser identificadas duas tendências pedagógico-ideológicas extremas e, ao menos aparentemente, opostas, nas quais se situam muitas das discussões pedagógicas, especialmente quando se trata da pedagogia médica.

A primeira delas, que pode ser chamada de niilista, pretende que todas as pessoas, inclusive os médicos, adquirem todas as suas atitudes éticas na infância e as consolidam na adolescência. Essa primeira tendência se divide em duas setas ou facções: uma objetivista; outra, subjetivista.

O modelo do niilismo objetivista pretende que, ao chegar à idade adulta, as personalidades já estariam estratificadas, imutáveis, ininfluenciáveis do ponto de vista de seu caráter e, por via de consequência, de sua conduta moral. Ao ultrapassar a infância, todos já estariam devidamente condicionados pela sua realidade, em geral socioeconômica (ou sociocultural). Que a miséria e o subdesenvolvimento social só podem fazer vicejar miséria ética e subdesenvolvimento moral. Que uma sociedade calcada na exploração, na desigualdade e na exclusão é intrinsecamente imoral e sua imoralidade moldaria tudo o que nela crescesse. Que a infraestrutura econômica determina a superestrutura cultural (inclusive ética), e pronto. Por isso, todo esforço pedagógico investido na tentativa de ensinar ética, principalmente de

EDITORIAL

EDITORIAL

ensinar ética para adultos, seria vã. Um desperdício de tempo, esforço e dinheiro. No máximo, ensinaria hipocrisia. Pretendem que a lise moral da família e a dissolução dos valores morais da sociedade - tomada pela corrupção, a partir do exemplo das autoridades mais representativas - determinariam fatalmente o aparecimento de uma sociedade macunaímica. Sem valores positivos, sem heróis, sem mártires, sem modelos com os quais se identificar positivamente.

A vertente niilista subjetivista parece pretender que os indivíduos estruturariam sua personalidade única ou predominantemente em função de suas vinculações afetivas infantis com seus pais ou os adultos que lhes fizessem as vezes como cuidadores e agentes de intercâmbio afetivo. Que os métodos e recursos pedagógicos seriam absolutamente ineficazes para moldá-los ou mudá-los após definidos os pilares de sua estrutura pessoal. Os mais otimistas crêem que somente um longo e custoso trabalho psicológico os poderia, talvez pela iluminação de seus conteúdos interiores mais recônditos, torná-los objeto de um processo realmente educativo com alguma possibilidade de sucesso.

No outro extremo, a segunda tendência pedagógica extremada mencionada anteriormente, situam-se os crentes na pedagogia. Em geral, professores que negam reduzir sua tarefa ao meramente instrucional. Educam. Pretendem educar no triplo sentido de ensinar conteúdos teóricos, treinar habilidades técnicas e formar atitudes e, conseqüentemente, forjar caracteres. Parecem acreditar que isso é verdade absoluta. Os mais crédulos chegam a crer que tudo o que disserem aos seus alunos, nas aulas ou fora delas, será avidamente absorvido, guardado para sempre como grande motivador de suas condutas técnicas e éticas futuras. Tais crentes, apesar de, às vezes, estarem motivados por estruturas teóricas e ideológicas muitíssimo diferentes ou contraditórias, parecem repetir o mote de cunho skinneriano: dêem-me um aluno e eu farei dele o que quiser.

No entremeio dessas duas tendências pedagógicas extremas e opostas, situa-se a grande maioria dos professores que se esforçam para ensinar enquanto aprendem; que pretendem explicar o mundo enquanto o desvendam; que se contentam em transmitir a outrem o que, muitas vezes, não conseguem eles mesmos entender. Que acalentam a convicção de que o professor deve ensinar. Pois, quando não ensina, por menos que ganhe neste mister, ganha demais. Mostra-se um desperdício econômico, uma fraude pedagógica e humana. Mas que não pode ensinar tudo o que pretende ou que tenta fazê-lo. As tentativas de ensinar são bem mais numerosas que a experiência de aprender. Porque alguém só ensina quando um outro aprende. E nem todos aqueles a quem se tenta ensinar aprendem. Porque não querem, porque não podem ou porque não foram adequa-

EDITORIAL

EDITORIAL

damente ensinados. Porque o processo didático não atendeu às suas possibilidades de aprender.

Os professores que se situam entre essas duas seitas pedagógicas extremas sabem que o mundo das coisas e, principalmente, o mundo das pessoas, não podem ser subdivididos, artificial e ingenuamente, em preto ou branco, assim ou assado. Existem com uma infinita gama de tonalidades cinzentas, incontáveis e que muitas vezes se superpõem e se confundem. Que os alunos não são todos iguais e que nós, professores, também não. E que cada um deles, individualizado em sua identidade, não é sempre o mesmo em todos os momentos, em todas as circunstâncias. Que é possível ensinar, porque é possível aprender, ainda que tais procedimentos configurem um processo feito de tentativas e de experiências de cada parte nele envolvida. Que os alunos aprendem o que lhes parece mais conveniente.

Mas que é o modelo cultural vigente que define a qualidade de sua conveniência. Os ambientes culturais individualistas e egoístas, muito provavelmente a conveniência há de se lhes apresentar com igual teor. Convivendo em ambientes culturais solidários, socializantes e comunitaristas, terá mais possibilidade de ver sua conveniência como o respeito, a solidariedade e o cuidado com os interesses alheios.

O cuidado com a formação dos estudantes de Medicina deve, como o das outras profissões de saúde, ser tido como prioridade social. O que não tem ocorrido. Ao contrário, está cada vez mais submetido aos interesses burocráticos ou mercantis. Talvez bem mais que a preparação do labor profissional em outras áreas do conhecimento, a Medicina e as outras profissões do setor saúde deveriam merecer prioridade. Pois, em contraste com as outras atividades profissionais, as que se incumbem do cuidado com a saúde das pessoas devem ser meio de vida essencialmente técnico e ético. Mais ético do que técnico. Isto é, todos os dilemas com que se defronte, por mais técnicos se apresentem, devem ser resolvidos usando-se a moral como pedra de toque, como bússola, como arrimo.

Por isso, o ensino da ética médica deve perpassar toda atividade pedagógica do ensino médico, desde o exame vestibular. Cada disciplina e cada atividade do curso médico deveria ser avaliada do ponto de vista ético. A seleção dos alunos e professores do curso médico, bem como o planejamento curricular, deveriam levar em conta essas duas dimensões, o técnico e o ético.

Os estabelecimentos de saúde nos quais estagia deveriam ser éticos, assegurar um ambiente ético, além

EDITORIAL

EDITORIAL

de técnico. O mercantilismo e o burocratismo, essas duas pragas morais da Medicina, não deveriam existir ali. E, se aparecessem, deveriam ser banidas com cerimônia escandalosa. Para marcar a consciência dos que a assistissem. Como se faz (ou se fazia?) com o militar indigno que envergonha sua pátria e seus companheiros.

Ademais, não deve ser demais pretender que em um hospital universitário (qualquer um em que se ensine Medicina, e não só os hospitais da universidade ou da faculdade) até as paredes devem ensinar. De fato, a estrutura física, os funcionários e o funcionamento de um hospital devem ser parte formal da pedagogia médica. Dever-se-ia aprender a varrer, a administrar, a esterilizar; em suma, a tratar os doentes, na mais lata expressão deste termo, observando como isso se faz, como são tratados ali.

Porque, nunca é demais repetir, o ensino ético se faz com o exemplo. Pessoal e institucional, técnico e humano.

Cada professor de Medicina deve indagar de si mesmo se seu modelo profissional é o melhor para os alunos. Se o estabelecimento em que ensina e no qual seus alunos praticam lhe oferece condições mínimas para exercer e aprender a Medicina com honra e decência.

No mais, é preciso recordar que de 30 de outubro próximo até 2 de novembro, na Academia de Tênis, em Brasília, o Congresso Mundial de Bioética reunirá muitos dos melhores professores do mundo. Será uma oportunidade imperdível de conhecê-los.

Venham assistir e boa leitura.

○ Editor